

Angelo Passos

Jornalista, escreve às sextas-feiras neste espaço

Comércio varejista registra alta de 1,9% em julho, o melhor resultado em 18 meses. No entanto o acumulado dos negócios no ano perde para 2012

O caminho das vendas

O IBGE informa que o volume de vendas do comércio varejista do país aumentou 1,9% em julho, na comparação com o mês anterior, e se trata do melhor resultado em 18 meses.

Guido Mantega já fala em recuperação do consumo, mas sua opinião, como de costume, não bate com a do mercado. A Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas fala em “surpresa positiva”, mas prefere aguardar os resultados dos próximos meses para ter melhor noção do cenário.

De fato, é surpreendente. O que houve? Em junho, o avanço varejista foi de apenas 0,4%. Já o consumo das famílias teve variações positivas de 0,1% e de 0,3% no primeiro e segundo trimestres, respectivamente.

O semestre de acomodação, sem crescimento, no consumo das famílias encontra as seguintes explicações: inflação alta; crédito mais caro, que avança em velocidade menor; sinais de fraque-



za do mercado de trabalho (a massa salarial cresce menos); e o comprometimento de 45% da renda da população com dívidas (era 32% em 2007). O brasileiro está buscando mais crédito para pagar dívidas. Nenhuma dessas variáveis se modificou a ponto de justificar o salto nas vendas do comércio em julho – embora, em si, o percentual de 1,9% não seja elevado. Apenas sobressai-se diante de resultados antecedentes.

Com o bom resultado de julho, o volume de vendas do varejo acumulado no ano subiu 3,5%, e esse ritmo ainda é inferior ao do ano passado. Em 2012, houve expansão chinesa, nada menos de 8,4%, oito vezes e meia mais que o pibinho de 0,9%. Para 2013, a variação prevista pela Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas é de 4% (considerando apenas o comércio restrito, que não inclui vendas de veículos e de material de construção).

Se tudo mais permanesse constante no PIB, o crescimento de 4% do varejo, menos da metade do que em 2012, seria de 0,40 ponto porcentual, segundo cálculo do mercado. Portanto não vai bem o modelo de crescimento ancorado só no consumo interno, adotado desde 2009.

Paulo Hartung

Economista, o ex-governador escreve às sextas-feiras neste espaço

Em qualquer caminho (público ou privado), é imprescindível a devoção absoluta de cada um a fazer o melhor que pudermos sempre

Um “Sonho Grande”

Estive em Cachoeiro para participar da Semana da Administração. Baseando-me no prefácio do livro “Sonho Grande”, de Cristiane Correa, falei das 10 principais lições observadas pelo professor Jim Collins acerca da trajetória de Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira, donos da AB Inbev, a maior cervejaria do mundo, da Burger King e da Heinz. Pelo seu valor, compartilho!

1) “Invista sempre – e acima de tudo – nas pessoas”. “Sua filosofia: melhor dar chances às pessoas talentosas (ainda que novatas) e sofrer algumas decepções no caminho do que não acreditar nelas.”

2) “Sustente o impulso com um grande sonho”. “Gente boa precisa ter coisas grandes para fazer, senão leva sua energia para outro lugar”.

3) “Crie uma cultura meritocrática”, que “valoriza o desempenho, não o status; a realização, não a idade; a contribuição, não o cargo; o talento, não as credenciais”.

4) “Você pode exportar uma ótima cultura para setores e geografias amplamente divergentes”, entendendo que a “cultura não é um apoio à estratégia; a cultura é a estratégia”.

5) “Concentre-se em criar algo grande,

não em administrar dinheiro”. “Administrar dinheiro, por si, nunca cria algo grande e duradouro, mas desenvolver algo grande pode levar a resultados substanciais”.

6) “A simplicidade tem magia e genialidade”. “Em quase todas as dimensões, os três buscam ser simples”, principalmente na estratégia de negócios: “tenha gente boa, dê a esse pessoal grandes coisas para fazer e sustente uma cultura meritocrática”.

7) “É bom ser fanático”. “Não há atalhos para resultados excepcionais”. “Existe apenas um esforço intenso, de longo prazo e sustentado. E o único meio de constituir esse tipo de empresa é ser fanático.”

8) “Disciplina e calma (não velocidade) são a chave do sucesso em momentos difíceis”. “Sempre observei nos três ‘um espírito de avaliação cuidadosa de opções seguida de decisões calculadas’. Nada de pânico.

9) “Um conselho de administração forte e disciplinado pode ser um ativo estratégico poderoso.”

10) “Busque conselheiros e professores, e conecte-os entre si”, “estimulando o potencial aprendizado de todos”.

Disse aos participantes que também na esfera governamental, com as devidas adaptações, essas lições podem ser aplicadas, sabendo-se que, em qualquer caminho (público ou privado), é imprescindível a devoção absoluta de cada um a fazer o melhor que pudermos sempre, a partir da dedicação, do compromisso consigo mesmo e com o outro e do aprendizado contínuo. E, claro, tendo um “Sonho Grande”.

Deuceny Lopes

É professora e mestre em Geografia

É preciso repensar o objetivo e o papel da escola que queremos e estamos ajudando a construir

Creche, a primeira etapa da Educação Básica

A Educação Infantil em sua trajetória histórica sempre teve um caráter reducionista de assistencialismo, voltado para suprir as carências sociais. O seu reconhecimento como primeira etapa da educação básica veio com a Lei de Diretrizes e Base da Educação em 1996 e com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, em 1998.

Romper com o conceito tradicional, fruto de uma trajetória da educação in-

fantil em nosso país, que assumiu funções e objetivos diversos ao longo da história, voltado ao assistencialismo, tem sido o grande desafio dos gestores públicos e da Escola para (re)significar seu conceito e seu papel enquanto espaço de formação integral do educando.

A educação e os cuidados com a infância são fatores fundamentais para o desenvolvimento global da criança e cabe ao sistema de ensino a organização de

projetos e propostas pedagógicas que garantam o direito social previsto em lei. E mais, desenvolver políticas públicas que destaquem o papel da escola e da família nesse processo para a (re)construção do conceito de escola e do papel dela no desenvolvimento de nossas crianças.

É comum ouvir expressões “eu vou deixar meu filho na creche”. Devemos considerar que a creche tem um papel decisivo na função cognitiva da criança e que o sentido de matricular a criança na escola vai além dessa expressão. É preciso repensar o objetivo e o papel da escola que queremos e estamos ajudando a construir, e conseqüentemente, o cotidiano escolar e as políticas públicas que vão sendo implementadas.

Se queremos uma educação liberta-

dora, preconizada por Paulo Freire, precisamos lutar para que a educação seja tratada como uma política pública.

É preciso que todos os atores (escola, família, comunidade escolar e gestores públicos) estejam envolvidos e interagidos no processo de ensino-aprendizagem e na construção de um currículo e prática docente que contribua para a formação integral do aluno. Tudo isso, sem transferir responsabilidades, pois todos somos responsáveis. Todos nós contribuimos, ou pelo menos deveríamos contribuir, para a construção de uma educação integral, no sentido epistemológico e real da palavra.

Vencer esses desafios, promover e entender a educação como uma política social é garantir um direito que é de todos.